



RELAÇÕES DE ENSINO E OS DILEMAS ENFRENTADO PELO PROFESSOR

Suelen Aparecida de Carvalho Rela ¹

RESUMO

Estando as políticas públicas para alfabetização voltadas principalmente ao direcionamento do trabalho dos professores ao ensino de leitura e escrita, trarei para as discussões, situações de sala de aula vivenciadas por uma professora em efetivo exercício, relacionadas aos processos de alfabetização, compartilhando experiências e reflexões sobre a minha prática como professora em uma escola de periferia de uma cidade do interior de São Paulo, no ano de 2009, período em que a rede municipal instituiu o Ensino de 9 anos. Composta por 28 alunos com 6 anos de idade ou a completar 7 anos, pois com a obrigatoriedade da matrícula a partir de 6 anos de idade no ensino fundamental, houve uma reestruturação dos municípios para atender a demanda, com a sanção da lei 11.274 de 6 de fevereiro de 2006, estabelecendo a duração de 9 anos do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Relações de Ensino, Prática Docente, Alfabetização.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo discutir acerca das práticas docentes diante do processo de alfabetização das crianças ,entendendo neste contexto como a criança aprende e qual o papel do professor enquanto orientador das ações educativas por meio de teorias linguísticas e cognitivas para que a criança evolua a até aprendizagem do sistema de escrita e habilidades de leitura e escrita .

Foi justamente essa inquietude, diante das práticas desenvolvidas por mim em sala de aula, que retornei à academia. Mesmo estando um bom tempo na sala de aula, sentia que algo me faltava. As informações oferecidas pela rede já não me eram suficientes e eu sentia a necessidade de novos caminhos. O tema da minha pesquisa não

¹ Mestranda em Educação pela Universidade São Francisco – USF - Itatiba, suelen.rela@mail.edu.usf.br



está diretamente voltado para as situações do professor em sala de aula, mas foi por essas vivências que me veio a oportunidade de fazer parte de um grupo de pesquisas sobre alfabetização na perspectiva discursiva. Estar neste grupo e as situações de estudo que este tem me provocado, me possibilitam refletir sobre a minha prática de tanto tempo sobre os conceitos de alfabetização, as dificuldades enfrentadas pelo professor diante das cobranças do sistema através de índices e metas estabelecidas.

MÉTODO UTILIZADO

Buscando sentido para as práticas de ensino desenvolvidas em sala de aula nesse complexo processo de ensino – aprendizagem, busquei nas muitas situações experienciadas nesse percurso de professora alfabetizadora. Foi possível perceber a heterogeneidade desta sala, principalmente com a realização da avaliação diagnóstica da escrita, que levou aproximadamente 15 dias para ser finalizada.

Após a avaliação, preenchi a ficha de avaliação, popularmente conhecida pelos professores como mapa diagnóstico, e a partir das informações, direcionei meu trabalho para o processo de alfabetização considerando as expectativas de aprendizagem para o ano e o processo de aprendizagem das crianças. Buscando sempre atender as especificidades de cada aluno, embora as questões burocráticas, por vezes sobressaíssem a esse desejo.

Dentre as situações didáticas, havia a proposta com a reescrita de um conto de fadas, mas conhecido como Projeto Contos Tradicionais. Me recordo que em uma das situações de leitura deleite, apresentei às crianças a obra original de O Patinho Feio, de Hans Cristian Andersen. Uma criança me chamou a atenção nessa atividade, Lucas, solicitando que levasse outras histórias como aquela.

A leitura deleite fazia parte da nossa rotina com alguns gêneros estabelecidos para o ano, me recordo que disse a Lucas que sempre que possível estaria realizando leituras como aquelas, pois após receber a devolutiva do semanário, havia uma observação de que os contos eram longos demais para leituras deleite, e seria melhor dar prioridade a esse trabalho no desenvolvimento do projeto .

Uma das fases do projeto era composta por reconto e reescrita, que eram realizadas em duplas através de agrupamentos produtivos. (Esses agrupamentos eram organizados de acordo com a hipótese de escrita das crianças).



Em todas as atividades de reconto, Lucas participava ativamente da roda, contribuindo com todo seu conhecimento sobre os contos de fadas. Vim a saber depois que ele tinha muitos livros de gênero e que sempre ouvia essas histórias creche (a mãe de Lucas trabalhava na creche onde ele realizou a educação infantil, que era anexa ao prédio onde ele estava no segundo ano). Ele ainda era bastante inseguro em relação a essa separação dele com a mãe.

Fomos então para o processo de reescrita. Em uma experiência, a dupla de Lucas foi Samira. Lucas estava na escrita silábica sem valor sonoro e Samira alfabética, já produtora de texto. Lucas detalhista, buscava alguém que colocasse no papel aquilo que ele queria relatar sobre os contos, e Samira, bastante objetiva, não se prendia aos detalhes que Lucas trazia das histórias.

Com alguns estranhamentos iniciais, percebi aos poucos que eles se completavam e mesmo com todas as orientações sobre agrupamentos produtivos, continuei insistindo nesse trabalho, permitindo que assim, as crianças trocassem entre seus pares aquilo que eles sabiam além da escrita. Era gratificante ouvi-lo dizer, olha a história que eu fiz com a Samira hoje! Havia disposição, interesse e empatia entre eles.

Pude perceber que essa experiência entre Lucas e Samira trouxe resultados significativos. Lucas finalizou o ano “recém Alfabético”, de acordo com o mapa diagnóstico e em 2012.

Apesar da proposta de atividade não estar de acordo com a proposta de agrupamento produtivo para as situações de práticas de leitura e escrita e diante do dilema enfrentado pela professora nesse processo de ensino aprendizagem,

Outra situação bastante significativa, e vivenciada em período de avaliação diagnóstica, foi com o aluno João.

Diante da contextualização de partir da realidade da criança, foi sugerido que o campo semântico dessa avaliação fosse animais. Como estávamos trabalhando a poesia Leilão de Jardim, de Cecília Meireles, optei por uma lista de bichos de jardim, conforme segue:

JOANINHA

FORMIGA

GRILO

RÃ



A FORMIGA PICOU O MEU PÉ.

Como prática a ser seguida, fui realizando a avaliação de forma individual com cada um dos alunos até que chegou a vez de João, que com bastante autonomia escreveu:

JOANIA

FOMH

GLO

Até que chegou a vez da rã. Me olhando por entre as lentes dos seus óculos, João me perguntou se ele poderia escrever SAPO. Em minha ignorância e sem justificativa disse a ele que não, pensando que ele iria encerrar o assunto. Mas João insistiu, dizendo para mim que sapo ele sabia escrever, rã não. Que se não pudesse ser sapo, também poderia ser perereca, porque perereca ele sabia escrever, mas rã ele não sabia. E antes que eu dissesse qualquer palavra, João me deu uma aula sobre girinos, perereca, sapos e rãs, que até o final do ano letivo, ele escreveu da seguinte forma: RAN.

O que não foi compreendido pela professora, é que a enunciação apresentada por João, possibilitava uma situação de interação de sala de aula a ser compartilhada com todos os alunos, pois naquele momento, o mais importante e necessário, é que João desse cona de finalizar um ditado, que posteriormente seria utilizado para o preenchimento de um mapa diagnóstico, o qual mais tarde, seria utilizado para definir novas estratégias de atividades a serem desenvolvidas em sala de aula, classificando os alunos em alfabético, silábico – alfabético, silábico com valor sonoro, silábico – sem – valor- sonoro e pré- silábico, classificações tão utilizadas para avaliar também o trabalho do professor.

RESULTADOS E CONCLUSÕES.

Diante das situações vivenciadas, foi possível perceber que as crianças se desenvolvem e aprendem na relação com seus pares e também com o seu professor, em um movimento colaborativo.

Conforme manifesto da ALBALF, citado por Slmoka (2019),

“A alfabetização, como campo de pesquisa e como ação pedagógica, é multifacetada e, portanto, supõe um conjunto articulado de saberes. A disputa entre concepções e métodos não pode obscurecer a finalidade de alcançarmos, por todos os meios, os sujeitos e grupos que têm direito de se alfabetizar”.



Nesse sentido o papel do professor deve ser o de pensar como a criança aprende, e não apenas sobre o que se ensinar para que a criança aprenda, considerando sempre a necessidade e especificidade de cada criança, buscando refletir sobre a sua prática enquanto profissional e para isso, acredito ser necessário uma formação constante e continua com o foco no desenvolvimento profissional dos professores que estão em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das múltiplas faces da alfabetização, é preciso que o professor compreenda o seu papel na orientação das ações educativas que contribuam com o processo de ensino aprendizagem da criança numa relação interativa, dialógica e significativa.

REFERÊNCIAS:

GOULART, CECÍLIA A. M., GONTIJO, M, FERREIRA, NORMA S. A., (orgs.). **A Alfabetização como processo discursivo – 30 anos.** São Paulo: Cortez,2017.

GOULART, CECÍLIA A. M., GARCIA, INEZ H. M., CORAIZ, MARIA C. (orgs). **Alfabetização e Discurso: dilemas e caminhos metodológicos.** Campinas,Sp: Mercado das letras 2017.

SMOLKA, ANA L. B. **A Criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo.** 13ª Ed. – SP: Cortêz 2012.

SMOLKA, ANA L. B. Relações de ensino e desenvolvimento humano: reflexões sobre as(trans)formações na atividade de (ensinar a) ler e escrever. In: **IV CONBALF,** UFMG, agosto de 2019.